



O USO DE IMAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Marion Stremel – Universidade Estadual do Centro-Oeste -
marion.regina@hotmail.com

Resumo:

A trajetória do ensino de história caracterizou-se, por muito tempo, pela memorização. Essa história, até então ensinada, era realmente enfadonha. Enfrentamos os desafios de uma época dita “pós-moderna”, em que a informação e a velocidade esvaziam os conteúdos de suas análises históricas; tempos em que não cabe mais a transmissão do conhecimento, mas sim, a sua construção pelos alunos e professores em sala de aula. Neste sentido, propomos a reflexão e a prática docente, sobre as concepções teórico-metodológicas no saber-fazer da história, tendo as imagens como fonte histórica e linguagem no ensino, através do projeto “O uso de imagens no ensino de história”, cujo objetivo é a abordar a imagem e suas representações, visto que o mundo atual é imagético, traduzindo-se, em cartazes, telefones celulares com máquina fotográfica, “folders”, “outdoors”, uma vez que esses meios de comunicação dominam a propaganda e a mídia, invadindo o cotidiano das pessoas. Sendo notório que as imagens tem sido mais privilegiadas que os textos, é questão emergente o trabalho com o uso de imagens no ensino/aprendizagem. Para tanto serão realizadas, junto aos acadêmicos da disciplina de Estágio Supervisionado, leituras de textos que forneçam embasamento para o trabalho com referido tema, e a prática de ensino nas escolas campo de estágio. Embasam teoricamente este trabalho, Hunt (2001), Pesavento (2004), Bittencourt (2005), Meirelles (1997). Desse modo, busca-se refletir sobre o uso de imagens como fonte histórica e recurso pedagógico nas aulas de história.

Palavras-chave: Imagens. Ensino. História.

Abstract:

The trajectory of history teaching was characterized for a long time, the memorization. This story, hitherto taught, it was really boring. We face the challenges of a so-called time "postmodern", where information and speed empty the contents of his historical analyzes; times when there is no more transmission of knowledge, but rather, its construction by students and teachers in the classroom. In this sense, we propose reflection and teaching practice, on the theoretical and methodological concepts in the know-how of the story, with images as a historical source and language teaching, through the project "The use of images in teaching history" whose goal is to address the image and its representations, as the current world is imagistic, resulting in posters, mobile phones with camera, "folders", "outdoors", since these media dominate the advertising and the media, breaking into people's daily lives. Being clear that the images have been more privileged than the texts, is emerging issue working with the use of images in teaching / learning. To do so will be held, along with the academic discipline of supervised training, readings of texts that provide background to work with that theme, and the practice of teaching in the training field schools. . theoretically underpin this work, Hunt (2001), Pesavento (2004), Bittencourt (2005), Meirelles (1997). Thus, it seeks to reflect on the use of images as a historical source and educational resource in history lessons.

Keywords: Images. Teaching. History.

1.Introdução





Este trabalho tem como objetivo discutir o uso das imagens como suporte para o ensino de História, indicando alguns caminhos e métodos para a realização de atividades em sala de aula, através da imagem como fonte histórica em seus diversos significados.

Ao andar pelas ruas, ou assistindo TV, e ainda pela mídia em geral, é grande o apelo da publicidade, vendendo seus produtos e suas sensações. O espectador tende a tomar aquilo por verdade, pois nossa sociedade aceita como verídico tudo que está escrito e exposto, e estas placas não fogem à regra. E, desta forma, a escola atual possui a incumbência de ensinar a ler o mundo. Paulo Freire já advertia na década de 60, que a escola não deve ensinar somente a ler a palavra e sim a ler a palavra-mundo, sendo o ato de ensinar um ato político, necessitando a leitura da sociedade em que se encontra inserido o educando (Freire, 1985).

Nesta perspectiva, é que o projeto intitulado “O uso de imagens no ensino de história”, desenvolvido junto aos acadêmicos da disciplina de Estágio Supervisionado, em sua formação inicial, propõe a reflexão acerca do tema em tela. Os cursos universitários não são os únicos espaços de formação, mas são essenciais para aquisição dos saberes pedagógicos. Os professores constituem a profissão ao longo das experiências pessoais e profissionais, a formação continuada, que permite a apropriação de saberes que podem ser mobilizados a partir de necessidades e contextos específicos. Desta forma, o referido projeto desenvolvido junto aos alunos e professores do ensino básico da rede pública do município de Guarapuava e localidades adjacentes, também têm como objetivo contribuir com a formação continuada do professor regente, através de discussões e práticas sobre o uso de imagens nas aulas de história.

Para Pimenta (2006), o professor é um dos importantes sujeitos deste processo e a sua participação é imprescindível para promover melhorias no ensino. A formação de professores é um processo demorado e laborioso que envolve praticamente toda a sua vida acadêmica e profissional. Muito antes de frequentar um curso de formação inicial de professores, o futuro professor já teve uma longa exposição à escola; e depois de formado, ainda terá que aprender o exercício do magistério na própria vida laboral. Torna-se evidente então, que a formação do professor tem a práxis como um componente essencial, em que a prática deve ser guiada pelas teorias que domina, mas que, ao mesmo tempo tem o conhecimento questionado e modificado pelas demandas da prática.

Desta forma, torna-se imprescindível agregar à formação inicial do professor de história, a discussão a respeito de técnicas e métodos sobre a utilização dessas fontes imagéticas, no que diz respeito à identificação, descrição, contextualização e interpretação, visando “enxergar” os vários discursos que as imagens possuem.





2. Desenvolvimento

O ensino de história foi marcado por muito tempo, no que tange ao ensino-aprendizagem, na constante memorização, no uso de questionários e perguntas de múltipla escolha. A produção do saber histórico esteve ligada às correntes teórico-históricas de sua época, as quais serviam ao reforço das ideologias dominantes. Assim sendo, faz-se necessário a superação desse modelo, por um ensino que busque a compreensão dos processos e o conhecimento do “porquê das coisas”, com vistas à autonomia das crianças, jovens e indivíduos.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (2008), para o ensino de História, apontam que ao “recorrer ao uso de vestígios e fontes históricas nas aulas de História pode favorecer o pensamento histórico e a iniciação aos métodos de trabalho do historiador”, e que ao “trabalhar com vestígios na aula de História, é indispensável ir além dos documentos escritos, trabalhando com os iconográficos, os registros orais, os testemunhos de história local, além de documentos contemporâneos”, destacando que a sua utilização deve ir muito além das meras ilustrações das aulas de História, sendo necessária a problematização desses documentos que os transformam em fontes históricas.

Para Certeau, em sua Operação historiográfica (1982), as fontes históricas são representações do mundo elaboradas pelos seus autores dentro de suas condições de produção, do contexto histórico no qual estão inseridos, das ideologias que possuem e das posições institucionais que assumem. Ou seja, faz-se necessário compreender a relação entre o lugar do discurso, os procedimentos de análise, a construção de um texto.

Historicizando a utilização das imagens, estas têm função ideológica e pedagógica das massas desde tempos remotos. Na Idade Média, por exemplo, a iconografia tinha função educativa primordial nas sociedades letradas. Nesse período, as imagens eram compreendidas como um texto, um discurso. Temos ainda como exemplo, a cena de Adão, Eva e a serpente no Paraíso, significando a queda do homem, a inferioridade e a demonização da mulher, a punição divina para a desobediência humana. No Brasil colônia, os teatros jesuíticos tinham a função pedagógica perante os indígenas.

Nesta discussão, Meirelles (1997, p. 114) aponta que;

a imagem enquanto representação do real estabelece identidade, distribui papéis e posições sociais, exprime e impõe crenças comuns, instala modelos formadores, delimita territórios, aponta para os que são amigos e os que se deve combater.

Deste modo, a linguagem visual reveste-se de caráter didático, objetivando educar as massas, ao mesmo tempo em que legitima a ideologia dominante, pois vivemos numa sociedade visual, com as novas tecnologias, que exercem grande influência nas relações sociais; e assim, evidencia-se a importância do trabalho com imagens em sala de aula, servindo para o questionamento das verdades imagéticas e, portanto, para a sua desconstrução.

A professora Circe Bittencourt (2005), em sua obra “Livro didático entre textos e imagens”, faz uma reflexão sobre as diversas ilustrações presentes nos livros didáticos de História e a possibilidade de trabalhá-las de maneira crítica, contribuindo para a construção do conhecimento por parte do aluno e não apenas como forma ilustrativa para deixar o texto e as páginas dos livros mais atraentes.





A autora aborda que nas primeiras obras didáticas, os índios eram representados como selvagens, e as imagens dos manuais eram de conflito com o branco, atos de violência e também se destacam os rituais antropofágicos. Uma imagem clássica é a do bispo Sardinha (1496-1556) e seus companheiros sendo devorados pelos Caetés. A imagem evidencia a importância dos missionários em civilizar os indígenas com seus trabalhos de catequese.

Nesta perspectiva, Bittencourt destaca que em sala de aula, é interessante separar a imagem do texto e da legenda num primeiro momento de discussão sobre um tema, para que haja, por parte dos alunos, uma leitura natural, deixando que eles relatem o que veem, e sem uma legenda predeterminada, portadora de sentido. Depois, sugere, a autora, se aprofundam as questões, a partir de uma problematização detalhada acerca da imagem escolhida. Investigando a fonte histórica a partir de sua contextualização e historicidade: quem fez, quando fez, como e porque foi produzida. Bittencourt propõe ainda a importância de comparar ilustrações, imagens, de um mesmo tema em períodos diferentes ou comparar diferentes versões de um mesmo tema numa mesma época, desta forma, os alunos podem elaborar o seu a partir do seu universo de representações, uma leitura significativa sobre os acontecimentos registrados nas imagens, bem como seus próprios conceitos.

A imagem sempre conterà uma interpretação que é apreendida pelo olhar de cada indivíduo, e este nem sempre percebe o discurso que lhe está sugerido, ele apenas observa a imagem. Desta forma, o professor deve ajudar o aluno a desvendar as mensagens, os enunciados escondidos na mesma, principalmente numa época em que a definição entre o que é histórico e o que é jornalístico se confundem.

Segundo Guimarães, a interpretação de uma imagem não é jamais uma descrição literal, pois instiga a criatividade e a percepção do observador, ultrapassando os comandos ou diretrizes traçadas pelo educador:

Ser educador hoje é buscar o visível que se esconde nas imagens da linguagem. Que imagens os alunos trazem quando lêem um texto, assistem um filme, ouvem uma música, admiram um quadro de arte, refletem sobre uma notícia de jornal? O sentido dos filmes, dos textos, não está na literalidade da forma como aparecem, mas nos espaços intersticiais, entendidos como lugares de folga onde as imagens percorrem livremente os caminhos em relação às atividades que designam o lado oficial da instituição (2004, p. 8).

De acordo com a autora, as imagens não são espelhos da realidade, nem devem ser utilizadas na condição de ilustração de temas, numa perspectiva ingenuamente “realista”, como se as imagens retratassem alguma realidade histórica. Daí, ser preciso ainda, analisar a relação entre ver e saber, com intuito de esclarecer/ compreender a fusão entre recepção e produção como processo para novas interpretações.

Há de se perguntar, porquê numa determinada imagem, de sua produção, de seu registro, sobre tema e o momento, sobre determinado lugar, sobre aquelas pessoas, o porquê do uso de determinadas cores, do uso de certos elementos, que possuem um significado e um propósito a ser estudado. Na análise da imagem, pode-se comparar e desconstruir outra fonte estudada, preenchendo-se as lacunas da história.





3. Considerações finais

O uso de imagens no ensino de história necessita ainda de uma maior discussão teórico-metodológica, pois apesar das mudanças que a ciência histórica tem sofrido, principalmente no que tange à noção de fonte histórica, pois em sala de aula, há uma especificidade em seu uso, uma vez que estas são um complemento para o desenvolvimento de um tema proposto, e que exigem ferramentas específicas que possibilitem ao aluno uma melhor compreensão do assunto abordado.

Referências bibliográficas

- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: _____ (org). O Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2005.
- CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, 1985.
- GUIMARÃES, Áurea Maria. Imagens e memória na (re)construção do conhecimento. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu: 2004.
- HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MEIRELLES, Willian Reis. O cinema como fonte para o Estudo da História. In: História e Ensino. Londrina, v.3, p.113-123, abril, 1997.
- PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. História. Curitiba, 2008.
- PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores. Unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2006.

